



“CIDADE DA TUBERCULOSE”: a doença como centro da vida em São José dos Campos (1935-1941)

Palavras-Chave: ANÁLISE DE ENQUADRAMENTO, TUBERCULOSE, JORNAIS

Autores:

GUSTAVO PALMA DE ANDRADE SANTOS, IG – UNICAMP
Prof.^a Dr.^a ANA SILVIA VOLPI SCOTT (orientadora), IFCH – UNICAMP

INTRODUÇÃO

O município de São José dos Campos, localizado no interior do estado de São Paulo, é reconhecido como “Capital estadual do avião” devido à importância do setor aeronáutico e aeroespacial em sua economia e ao polo tecnológico criado pela instalação do Centro Técnico da Aeronáutica (CTA), do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA) e da Empresa Brasileira de Aeronáutica (Embraer) em seu território nas décadas de 1940 a 1960 (São Paulo, 2021). No entanto, a construção da identidade municipal a partir dessa industrialização oculta sua história anterior, na qual a cidade possuía uma outra alcunha, de tom pejorativo: “Cidade da tuberculose” (Fraga; Roque, 2010).

Na primeira metade do século XX, quando o tratamento da tuberculose consistia em isolar o doente em sanatórios localizados em locais com baixa amplitude térmica, para que ele não precisasse enfrentar mudanças bruscas de temperatura, a região de São José dos Campos tinha a fama de proporcionar a “cura milagrosa” da doença (Belcufiné, 2001). Não se sabe ao certo a origem da fama dos “bons ares”, mas sabe-se que ela era “grandemente procurada por doentes atacados de tuberculose pulmonar em virtude da grande propaganda que tem sido feita neste sentido” (Flório, 1944, p.32). Essa propaganda ocorria pelo menos desde 1884, quando o *Almanach da Corte*, editado por Arthur Sauer, já falava da qualidade do clima da cidade (Almanach [...], 1939). Outros documentos oficiais da Prefeitura, como um álbum municipal publicado em 1934, exaltavam a infraestrutura urbana, que possuiria “serviço modelar de águas e esgotos, luz elétrica, telefone, [e] comunicações rápidas para São Paulo, Rio e localidades vizinhas”, e a presença de médicos tisiólogos “conhecidíssimos” por seus “triumfos estrondosos” no tratamento da tuberculose (Caldeira, 1934, p.147-8). Além disso, a cidade foi a sede do primeiro sanatório do país, o Vicentina Aranha, inaugurado em 1924 e mantido pela Santa Casa de Misericórdia, que servia como fator de atração para migrantes que sofriam daquela doença (Vianna, 2010).

A cidade, em contradição com o que dizia o Álbum de 1934, não possuía infraestrutura urbana básica, sendo descrita como uma cidade “pobre na aparência material – prédios em geral velhos, ruas sem arborização e sem calçamento, ausência absoluta de praças ajardinadas, (...) infinidade de terrenos baldios” (Amaral, 1930, p.142), além de sofrer com falta d’água. Apesar da renda garantida pela

“indústria da doença” – isto é, pelos serviços instalados na cidade para atender aos doentes, como sanatórios e farmácias (Quadro *et al.*, 2010) –, a Prefeitura era incapaz de custear as obras necessárias para resolver os problemas de infraestrutura, como o calçamento das ruas e a construção de uma nova rede de abastecimento (Eleição [...], 1935). A solução encontrada foi transformar-se em Prefeitura Sanitária, entidade administrativa que tinha seu prefeito nomeado diretamente pelo governador e recebia os impostos estaduais arrecadados na cidade para realizar as obras necessárias (Quadro *et al.*, 2010). A decisão gerou intenso debate na política local, pois exigiu uma escolha: manter a autonomia municipal ou ter verbas para realizar as obras básicas desejadas?

A proposta desta comunicação, que constitui a primeira etapa de Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia, é analisar o debate político em torno da autonomia municipal e das obras de infraestrutura realizadas entre 1935 (quando a cidade se torna Prefeitura Sanitária) e 1941 (quando chega ao final a gestão José Longo, sob a qual foram realizadas a construção da rede de abastecimento de água e as principais obras de calçamento de ruas) a partir de um jornal semanal da cidade, o *Correio Joseense*, e de um periódico editado pelos médicos locais, o *Boletim Médico*. A metodologia utilizada foi a análise de enquadramento, que busca compreender o papel da imprensa em selecionar, estruturar e narrar a maneira como um determinado acontecimento é informado ao público-leitor, colocando em evidência os vieses implícitos das notícias – por exemplo, o destaque que é dado a certo tema ou a linguagem utilizada (Luca, 2006; Soares, 2006).

METODOLOGIA

Ao todo, foram analisadas 293 edições do *Correio Joseense* e 9 do *Boletim Médico*, em busca de notícias que se encaixassem dentro dos objetivos do trabalho, ou seja, que envolvessem a realização (ou não) de obras pela Prefeitura, as disputas entre facções políticas e o debate sobre a prevenção da tuberculose na cidade. Uma vez que as versões digitais dos jornais disponibilizadas pelo Arquivo Público Municipal não permitiam a pesquisa por palavras-chave, foi necessário ler individualmente cada uma das notícias, buscando por termos como “tuberculose”, “abastecimento”, “autonomia”, “eleições”, “sanatórios” e “calçamento”. Quando esses termos eram encontrados, a notícia era salva no banco de dados para ser analisada posteriormente. Ao todo, foram coletadas 312 notícias.

A análise de enquadramento (*framing analysis*) foi escolhida por permitir avaliar o já citado papel dos jornais em selecionar os temas que devem ser debatidos pela opinião pública. Utilizando-a como base, parte-se do princípio de que toda notícia possui alguma intencionalidade ou viés em sua escrita, e, assim sendo, não podem ser tratadas como peças neutras (Luca, 2006; Soares, 2006). A partir da abordagem dedutiva proposta por Semetko e Valkenburg (2000), que consiste em definir previamente os enquadramentos e observar sua ocorrência, foram definidos três enquadramentos – conflito, moralidade e responsabilidade – e cada notícia foi classificada como pertencendo a um, dois, todos ou nenhum deles. A classificação consiste na definição de perguntas de “sim” ou “não” que, se respondidas afirmativamente, fariam a notícia ser enquadrada como daquele *frame*. As perguntas utilizadas foram as seguintes: para o enquadramento de **conflito**, “um partido/indivíduo/grupo repreende ou desaprova

outro grupo nesta notícia?”, “a notícia mostra dois ou mais lados da situação/problema?” e “a notícia faz referência a vencedores e perdedores?”; para o de **responsabilidade**, “a notícia sugere que o governo¹ poderia resolver o problema?”, “a notícia sugere que o governo ou um indivíduo ou grupo não ligado ao governo é o culpado pelo problema?” e “a notícia sugere soluções para o problema?”; para o de **moralidade**, “a notícia faz menção a Deus ou crenças religiosas?”, “a notícia sugere formas de agir socialmente como mais corretas que outras?” e “a notícia faz um julgamento moral sobre a ação de um indivíduo ou grupo?”.

Na planilha onde foram registrados os enquadramentos, também foram inseridas colunas para definir a autoria da notícia (se era do editorial ou de outra pessoa), a posição dentro da edição (se estava na capa ou não) e o caráter da notícia (se tratava-se de uma crítica, um elogio ou um informativo sem teor claro). Essa análise permitiu identificar os temas mais recorrentes e os principais autores envolvidos no debate realizado dentro dos jornais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise e da classificação das notícias, foi possível identificar a centralidade que a tuberculose possuía na vida cotidiana e no debate político de São José dos Campos, que era chamada de Canaã e Meca dos tuberculosos (Amaral, 1930; A saúde [...], 1938) – no sentido de que era um local de “peregrinação” obrigatório na busca pela cura. O *Boletim Médico* publicou na época dois apelos aos colegas de profissão de outras cidades, pedindo que eles parassem de acreditar na “cura milagrosa” dos ares da cidade e deixassem os doentes “expirar[em] na tranquilidade de seus lares” (Cura [...], 1933), em vez de enviá-los para São José, onde não conseguiam se hospedar por causa da “superlotação de todos os nossos sanatórios e da impossibilidade material de amparar todos os que vêm para os climas em busca de saúde, sem meios de tratamento” e, sem dinheiro, acabavam por viver nas ruas, “a mendigar o dinheiro da passagem de volta, [e] a exhibir um quadro tristíssimo de doença e de miséria” (Um appello, 1934). Observa-se aí um conflito: enquanto a Prefeitura estimulava a propaganda dos “bons ares”, como no já citado Álbum de 1934, os médicos pediam que o fluxo migratório cessasse, já que os sanatórios da cidade não eram capazes de atender a todos que chegavam.

Os sanatórios recebiam certo destaque no *Correio Joseense*, que noticiava suas inaugurações e obras de expansão. Dos oito sanatórios que funcionaram na cidade, três foram construídos entre 1935 e 1941 (Prince, 2010) e tiveram seu evento de inauguração noticiado: o Maria Imaculada (destinado às mulheres), em 1935; o Ezra (destinado aos israelitas), em 1936; e o Adhemar de Barros (destinado aos pobres), em 1941. Também foram noticiadas a construção de novos pavilhões na Vila Samaritana (destinado aos evangélicos), em 1937, e no Ezra, em 1940. Sabe-se ainda que a Prefeitura tinha a intenção de aumentar o número de sanatórios na cidade, por causa da publicação pelo *Correio* do Acto nº 300, que autorizava a doação de terrenos na região do sul da cidade, que estava reservada para a

¹ Entendido aqui como qualquer órgão ligado a uma instância administrativa do poder: a Prefeitura Municipal (ou Sanitária) e suas secretarias, a Interventoria Estadual e seus departamentos, a Presidência da República e seus ministérios, a Câmara de Vereadores, a Assembleia Legislativa Estadual ou a Câmara dos Deputados.

expansão da zona sanatorial, para a construção de pensões e sanatórios (São José dos Campos, 1935). Não foi possível identificar se de fato algum sanatório foi construído a partir desse ato, porém outros dois sanatórios foram construídos na cidade nas décadas seguintes (São José, em 1946, e Antoninho da Rocha Marmo, em 1952).

Como o fluxo de doentes para a cidade não cessava, o *Correio Joseense* iniciou em 1935 um movimento em defesa da construção de um sanatório para tuberculosos pobres, chamando a população para somar esforços porque “todos aqueles que tem uma parcella de responsabilidade e de interesse pelo bom nome de nossa terra, estamos certos, não negarão a sua cooperação a essa humanitaria e altruistica instituição, por cuja fundação vimo-nos empenhando” (Precisamos [...], 1935). Descrevendo a iniciativa como humanitária e altruísta, o objetivo parece ser a criação de uma pressão moral para que as pessoas aceitassem contribuir com o projeto.

O movimento resultou na fundação da Liga de Assistência Social e Combate à Tuberculose (LASCT) em 1936, entidade filantrópica que buscava auxiliar os doentes pobres. O *Correio*, como forma de apoio, divulgava notas da Liga sobre a inauguração de seu abrigo de emergência, sobre a “campanha pró-sanatório para indigentes” e sobre as campanhas de arrecadação de verba. A principal campanha foi a quermesse de 1938, realizada em benefício da LASCT e da Santa Casa de Misericórdia, que estampou a capa de nove edições consecutivas do jornal.

O *Correio Joseense* assumiu também um papel nos esforços municipais para evitar a contaminação de pessoas sadias, agindo em duas frentes. A primeira foi a propaganda de educação sanitária, realizada através da republicação de artigos da Seção de Propaganda e Educação Sanitária (SPES) do Departamento de Saúde do Estado de São Paulo. Os artigos utilizavam linguagem mais acessível para tratar de temas como a tuberculose, o tabagismo, a cisticercose, a varíola, a maleita e o câncer. No caso da tuberculose, foram localizados cinco artigos, que tratavam da prevenção de infecção em crianças, da importância da vacinação e da necessidade da filantropia para auxiliar o Estado a controlar a disseminação da doença. A segunda foi a pressão realizada pelo fechamento do cinema local, considerado um grande foco de contaminação por não possuir sistema de ventilação e por permitir a entrada de doentes “na mais perniciosa promiscuidade com o publico” (O problema [...], 1939). O *Boletim Médico* também tratava de formas de reduzir a disseminação da tuberculose, porém com caráter mais científico, trazendo exemplos de experiências bem-sucedidas de outros países na reforma do sistema de vigilância (exigindo a notificação compulsória de doentes) e na regulação da profilaxia (estabelecer parâmetros para desinfecção de roupas).

CONCLUSÕES

Foi possível notar que a tuberculose possuía um papel central no debate público de São José dos Campos durante a década de 1930. A fama dos “bons ares” era vista de duas formas pelos principais atores locais da época, pois ao mesmo tempo em que auxiliava no engendramento da “indústria da tuberculose”, ela aumentava a chegada de doentes sem recursos que iam viver em situação de rua por não conseguirem se hospedar em pensões. O papel dos sanatórios era valorizado, e a construção ou

expansão destes rendia elogios da redação do jornal, que agradecia as pessoas dedicadas a tentar controlar o problema da tuberculose. A questão dos doentes pobres também despertava iniciativas da sociedade, que buscavam dar a essas pessoas um local onde pudessem se tratar e se curar da doença. Os dois periódicos analisados, *Boletim Médico* e *Correio Joseense*, empreendiam esforços para estimular a profilaxia, sendo que o primeiro o fazia por meio de artigos científicos voltados à comunidade médica, nos quais debatiam formas de tratamento e cura, enquanto o segundo investia na divulgação da educação sanitária e na pressão pela vigilância de locais considerados focos de transmissão.

BIBLIOGRAFIA

- A SAUDE do povo. **Correio Joseense**, São José dos Campos, núm. 763, ano XIV, 03 abr. 1938.
- ALMANACH da corte – Município de São José dos Campos. **Correio Joseense**, São José dos Campos, núm. 831, ano XV, 12 nov. 1939.
- AMARAL, João F. **Relatório apresentado sobre a Inspeção Sanitária de São José dos Campos**. Quintanista da Faculdade de Medicina de São Paulo. São Paulo, 1930.
- BELCUFINÉ, Douglas Carlyle. **São José dos Campos: Relação histórica do seu desenvolvimento com a mortalidade por tuberculose, 1935 a 1999**. 2001. 223p. Dissertação (Doutorado em Epidemiologia) – Departamento de Epidemiologia, Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- CALDEIRA, João Netto. **Álbum de São José dos Campos**. São Paulo: Cruzeiro do Sul, 1934. 262p.
- CURA e milagre. **Boletim Médico**, S. José dos Campos, n. 4, ano I, jul. 1933.
- ELEIÇÃO municipal. **Correio Joseense**, São José dos Campos, núm. 661, ano XI, 17 nov. 1935.
- FLÓRIO, João. **Relatório da inspeção preliminar do município e estância climatérica de São José dos Campos**. Departamento de Saúde Pública do Estado de São Paulo; Divisão de Serviço do Interior, 1944.
- FRAGA, Estefânia Knotz Canguçu; ROQUE, Zuleika Stefânia Sabino. Mosaico de imagens construindo narrativas: as outras faces da Cidade Sanatorial. In: ZANETTI, Valéria (Org.). **Fase Sanatorial de São José dos Campos: Espaço e Doença**. São Paulo: Intergraf, 2010. 328p.
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 2. Ed. São Paulo, SP: Contexto, 2006. 302p.
- O PROBLEMA da tuberculose e o cinema local. **Correio Joseense**, São José dos Campos, núm. 812, ano XV, 25 maio 1939.
- PRECISAMOS de um sanatório para tuberculosos pobres. **Correio Joseense**, São José dos Campos, núm. 649, ano XI, 01 set. 1935.
- QUADRO, Carlos Eduardo de; COSTA, Suelle França; SILVA, Douglas Almeida; ZANETTI, Valéria. O espírito empreendedor: São José dos Campos vendendo saúde (1890-1940). In: ZANETTI, Valéria (Org.). **Fase Sanatorial de São José dos Campos: Espaço e Doença**. São Paulo: Intergraf, 2010. 328p.
- SÃO PAULO. **Lei Nº 17.418, de 08 de outubro de 2021**. São Paulo, SP, 2021.
- SEMETKO, Holli A. VALKENBURG, Patti M. Framing European Politics: A Content Analysis of Press and Television News. **Journal of Communication**, v. 50, n. 2, p. 93-109, jun. 2000.
- SOARES, Murilo Cesar. Análise de enquadramento. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2006. 384p.
- SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. Acto N. 300. **Correio Joseense**, São José dos Campos, núm. 652, ano XI, 29 set. 1935.
- UM APPELLO. **Boletim Médico**, S. José dos Campos, n. 10, ano I, fev. 1934.
- VIANNA, Paula Carnevale. A Estância Climática de São José dos Campos: condição natural ou construção social? Um resgate pela memória. In: ZANETTI, Valéria (Org.). **Fase Sanatorial de São José dos Campos: Espaço e Doença**. São Paulo: Intergraf, 2010. 328p.
-